

O hidroaeroplano do *Seculo* no seu primeiro vôo

(Cliché Benoliet)

N.º 352 Lisboa, 18 de Novembro de 1912

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑA:

Ano, 48800 — Semestre, 28400 — Trimestre, 18200

Ilustração
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SECULO

Diretor e Proprietário: J. J. DA SILVA GRAÇA
Editor: JOSE JOUBERT CHAVES

Redação, Administração e Oficinas de Compo
sição e Impressão; RUA DO SECULO, 43

Um tratamento efficaz contra a obesidade

VERDADEIRA REVELAÇÃO

para as pessoas que soffrem de excesso de gordura

Os tratamentos contra a obesidade constituem legião, mas os bons remedios são, entretanto, raros. Cumpre fazer uma escolha entre elles, porquanto nem todos merecem o reconhecimento das pessoas gordas. Não desejamos outras provas senão as numerosas cartas que recebemos diariamente e que se podem assim resumir:

«Já experimentei diversos tratamentos taes como os saes purgativos, extractos organicos, infusões vegetaes, fricçãoe o corpo com pomadas e observei rigorosamente a dieta das bebidas, não obtendo senão um mediocre resultado. Devo desesperar?»

Evidentemente não ha que desesperar. Todos esses ensaios infructuosos provam simplesmente que os nossos correspondentes não empregaram o bom remedio, aquelle que os pode desembaraçar do excesso de gordura, como aconteceu com outras pessoas melhor inspiradas.

Leiam o que escrevem estas pessoas ao Sr. Ratié, pharmaceutico em Paris:

III.^{mo} Sr.

Os resultados obtidos depois do uso de um frasco de *Pilules Apollo* sendo muito satisfactorios, peço-lhe para enviar-me um segundo o mais depressa possivel.

M.^{me} B. em Amiens.

III.^{mo} Sr.

Sinto-me feliz por poder informar-lhe de que após uma semana de uso das *Pilules Apollo*, diminuí de cinco libras, o que é enorme para uma primeira semana.

M.^{me} L. P. em Marny-le-Preulte (Calvados).

III.^{mo} Sr.

Estando muito satisfeito com o effeito das *Pilules Apollo* rogo-lhe o obsequio de enviar-me um outro frasco; serei feliz por significar este resultado a diferentes pessoas de meu conhecimento, a fim de decidil-as a seguir este tratamento. E' o melhor agradecimento que lhe posso fazer em relação ás suas maravilhosas *Pilules Apollo*.

Jean N. em Saint-Armand-sur-Fier (Marne).

III.^{me} Sr.

Estou encantada pelo tratamento das *Pilules Apollo*. Agradecei de 10 kilos no espaço apenas de um mez.

M.^{elle} Marie C. em Bazaz.

III.^{mo} Sr.

Venho rogar-lhe o obsequio de remetter-me ainda dois frascos de *Pilules Apollo*. A pessoa que as

toma encontra n'ellas um verdadeiro allivio; assim envia-lhe do fundo do coração um sincero agradecimento.

J. T. parochio em X.

A authenticidade d'estas cartas é garantida e como não foram pedidas, constituem, entre muitas outras semelhantes, o melhor elogio que se possa fazer das *Pilules Apollo*.

Bastam para demonstrar a sua efficacia ao mesmo tempo que a sua acção bemfazeja.

As *Pilules Apollo* tem por base extractos de plantas marinhas e não contém nenhum producto susceptivel de estragar a saude. O estomago, os rins, o coração não são affectados por ellas e as pessoas que d'ellas fazem uso são unanimes em proclamar o allivio e bem estar que sentem.

Este tratamento não se limita a fazer desaparecer a gordura, mas parece agir sobre a causa inicial da obesidade; é por isto que é curativo e não unicamente palliativo.

Produz quasi que instantaneamente o desaparecimento dos numerosos incommodos provocados pela obesidade, taes como: cansaço, congestão, insomnia, oppressão, etc.

O seu effeito emagrecedor cessa com a supressão do tratamento e o resultado obtido pode ser mantido indefinidamente pela observação de simples preceitos hygienicos.

As pessoas a quem o excesso de gordura, por pouco que seja, incommoda farão bem em recorrer immediatamente ás *Pilules Apollo*. Não terão desculpa alguma se demorarem o seu emprego.

J. RATIÉ, pharmaceutico

5, Passage Verdeau

PARIS

Frasco com instrucções 1\$500 réis, franco

Contra vale do correio enviado a

J. P. Bastos & C.^a

Rua Augusta—LISBOA





As sabias medidas da camara de Leiria, responsabilizando a valer os que creavam grandes cabradas á custa do destroço deshumano da propriedade alheia, aliviaram centenas de hectares de terreno d'essa praga daninha. As cabras desapareceram como por encanto, indo uma grande parte refugiar-se no pinhal do Estado, que o mesmo é que um pinhal sem dono, onde podem destruir á vontade. O proprietario rural, que chegava ao extremo de defender a tiro o que tanto lhe custara, começou a respirar e a trabalhar com mais confiança. Desde que se convenceu de que não tinha a recear mais pastores e cabras, deitou-se a valorisar as suas terras, algumas tão desprezadas que se haviam coberto de tojos e mórgancas.

A febre de semear pinhal, alimentada pelo crescente consumo de lenha e de madeira dentro do paiz e pela exportação de tóros para as industrias que teem por materia prima a celulose, recrudescu espantosamente, porque, sem o dente mortifero da cabra, faz-se em 20 anos uma floresta que só se podia fazer em 30.

E não foram só os brejos e charnecas que desapareceram sob o pinhal; foram as terras de lavoura, algumas das quaes davam milho e centeio muito sofriveis.

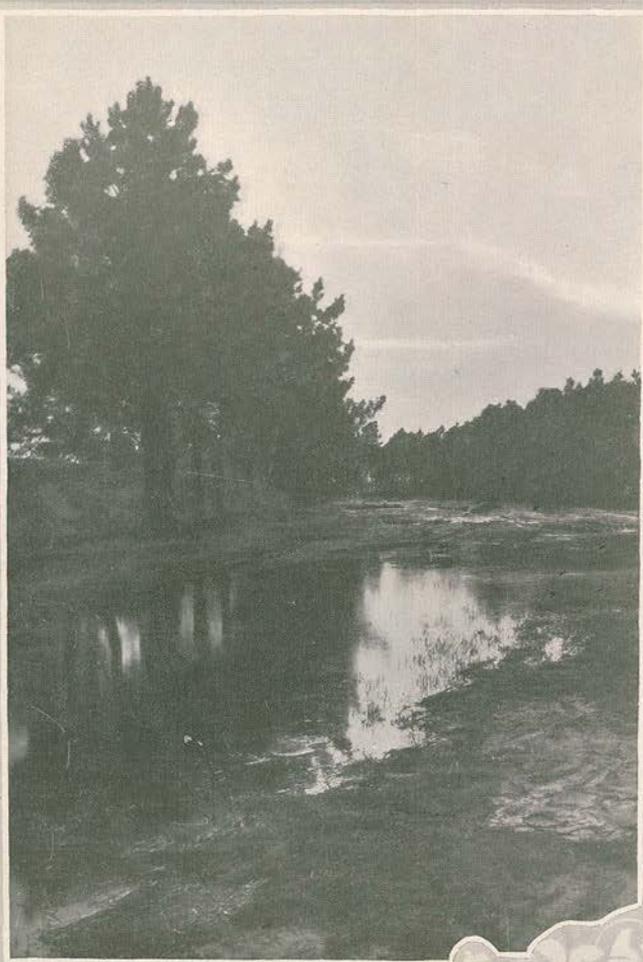
Tudo se tem semeado com uma rapidez incrível. De ano para ano o aspéto dos campos muda de tal fórma que até nos é difficil orientar quando lá voltamos. Ali desapareceu uma arvore grande, que nos servia de balisa, para não fazer sombra estiolante a uma sementeira nova; acolá, retalhou-se com valados um baldio secular, revoldido



1—Manuel Marlano, reneiro da Tojeira, sua mulher e sua filhas. 2—O casal da Tojeira e um aspéto do pinhal que ameaça afogal-o.

á charrua de ferro e hoje coberto de pinheirinhos verde-escuros, redondinhos como mangericos; mais além definharam muitas oliveiras lindas em holocausto a pinheiros bravios.

Ha regiões do concelho de Leiria, especialmente a da Mar' nha Grande, onde o pinheiro se tornou o senhor absoluto dos campos. Na luta natural pela vida já não havia arvore que lhe resistisse, tendo a desventura de lhe haver nascido ao pé. Na partilha do humus não



As sombras da noite começam a encher o pinhal de pavores

ha raizes que se atrevam com as suas, nem ramos que disputem espaço ao bracejar dos seus. E' o leão do reino vegetal.

E o lavrador tomou ali o partido d'ele contra todas as outras arvores, contra todas as outras culturas. O pinheiro absorve-o, obseca-o. Cubiça a terra só para o semear; vae ao Brazil só com a mira de comprar os inhaes do vizinho e de lhes semear outros p'gados. Não entrará n'uma propriedade para

matar a sede com umas frutas roubadas, ou para levar para casa um cesto de batatas com que matar a fome á familia. Mas, se lhe apetece um pinheiro pa a uma cambota ou para uma trave, não tem o menor escrupulo n'isso: perde a cabeça, rouba.

O pinheiro, o pinheiro!... E os pinhaes alastram-se como uma onda temerosa por toda aquela região, levando adiante de si as proprias casinholas de adobos e de madeira, que se viam pelos campos e de que hoje mal se reconhecem os vestigios por entre os pinheiros.

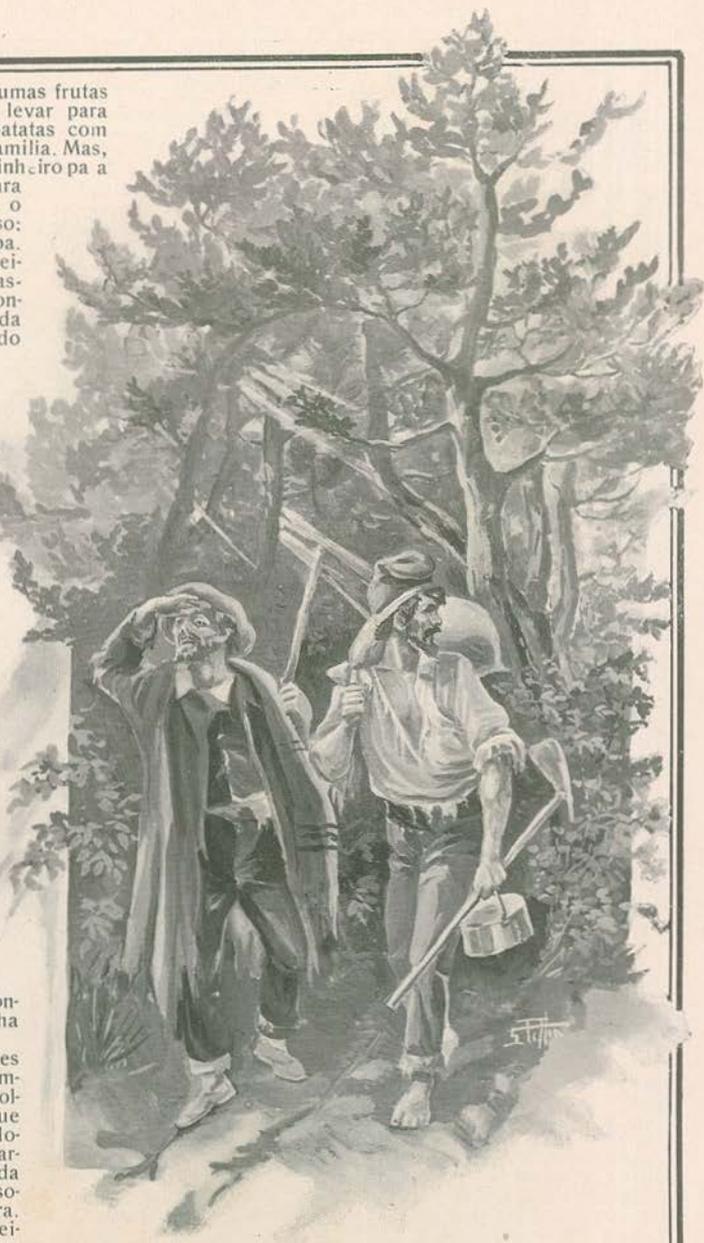
Dizia-me Manuel Mariano, rendeiro da Tojeira, ha pouco tempo:

—Estou aqui ha 23 anos e tenho de me ir embora para não morrer afogado n'este mar de verdura que me cerca de todas as bandas e que á noite põe arripios na espinha».

E eu relanceei os olhos em volta, por toda aquella massa vegetal, chamado tão pitorescamente á realidade de uma situação que, confesso, nunca me tinha ferido o espirito.

Então todos aqueles pinhaes representaram-se-me como ondas revoltas de verde liquido que avançavam ameaçadoras dos lados da Garcia, das Ferrarias e da freguezia de Amor sobre o casal da Tojeira. No ultimo plano pinheiros grandes, de agulhas quasi negras, devidas ao muito ferro d'aquelas areias; em seguida bastios de diferentes edades e tamanhos, na gradação descendente da vaga que, depois de se arquear n'um dorso medonho, viesse rolando até cobrir tudo implacavelmente.

E essa onda, d'este e oeste, encontrava-se já a poucos metros da casa, pois que pegava com os proprios bastios da fazenda. Passara-lhe á distancia de um kilometro pela casa de um filho já casado, unica casa que, além da sua, ha n'aquelas redondezas e d'onde podia vir algum socorro em horas de aflicção, e cercára-a tambem, mal se vendo o telha-



Figuras singulares atravessam o pinhal e os cães denunciam-nas com latidos de desespero

do por cima da crista dos pinheiros novos. D'antes, com um assobio, um grito, ou de noite uma fogueira, de um instante para o outro as duas familias punham-se em comunicação. Hoje não ha voz humana que trespasse aquela espessura florestal, nem fogueira que bruxoleie atravez d'ela.

As proprias oliveiras, outr'ora lindas, que o Mariano tem ao pé da eira,



1—A onda que avança.
2.—A filha de Manuel Mariano ao voltar do trabalho.

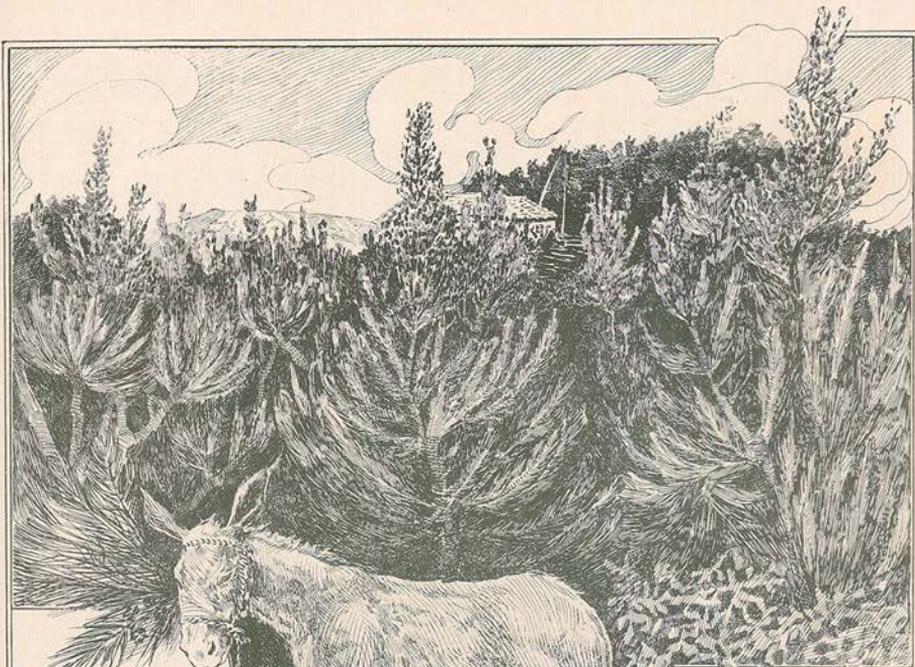
já se resentem do aproximar da onda. Estão tristinhas, com as folhas amareletas e os ramos esguios como que a quererem já fugir de um abraço estrangulador.

—E que á noite põe arrepios na espinha, diz o velho rendeiro.

E se essas noites são de tempestade! Nada mais belo, sem duvida, nada mais aprazivel do que um pinhal espesso á hora do calor com a sua sombra bemfazeja, ou mesmo á tardinha com o rumorejar dolente das suas ramas. Deixámo-lo a horas de chegar a casa ainda de dia, sem fazermos idéa do que ele será de noite com o seu ermo e a sua escuridão.

Quem passa de dia pela Tojeira, fica-se momentos a olhar extasiado para esse oceano de verdura e para aquella casinha, com o seu alpendre, o seu curral, o seu poço com cegonha, uma carreira d'aboboras sobre o telhado, e umas arvores de fruto á volta. A de Rubinson Crusoe não será mais encantadora para quem, antes de se casar, se contenta com o amor e uma choupana.





Mas, á noite!...
O Mariano aferrolha-se em casa com a mulher e a filha. Os rapazes estão para o Brazil, á excção do que mora a um kilometro. Aferrolha-se, e não quer saber mais do que vae lá fóra. Os cães fartam-se de ladrar ao sentirem crepitar a caruma debaixo dos pés d'alguns trabalhadores mais retardatários que passam ou de vultos suspeitos, com quem chegam a travar ruidosa luta.

Nas horas de silencio não povoam a Tojeira menos terrores, despertados pelo adejar sinistro e misteriosamente manso de mochos, corujas, noitívos e enormes morcegos em volta da casa de Mariano, revessando-se os primeiros com os seus pios e as segundas com os seus assopros, n'um concerto unebre dado mesmo no rebordo da chaminé.

Em noites de temporal sentem-se ranger e estalar as pernas dos pinheiros, como ossos de gigan-

tes, que houvessem resurgido das edades fabulosas para tirarem desforço n'uma luta. A luz dos relampagos repassa-lhes a telha-vã como flechas de fogo que cegam, e o trovão tem ali resonancias de magestade pavorosa como em parte alguma, mesmo quando estala por cima das nossas cabeças entre o ceo e o mar.

Mas dos raios é que o Mariano não tem medo, por que d'elles o livra a *erva de Santa Barbara*, metidano caco de um alguidar posto sobre o telhado, e de conservação tradicional na Tojeira. Ao menos aquel: ainda tem na tal erva a fé que nem os americanos já tem no pára-raios do seu Franklin, que estão sendo banidos dos grandes edificios. E vão lá dizer-lhe que são os pinheiros que o livram e que, se não fossem eles, então uma trovoadá n'aquelle ermo é que *porta arrepios na espinha*, segundo a sua frase pitoresca, e seria caso para fugir da Tojeira. **H. E. F.**

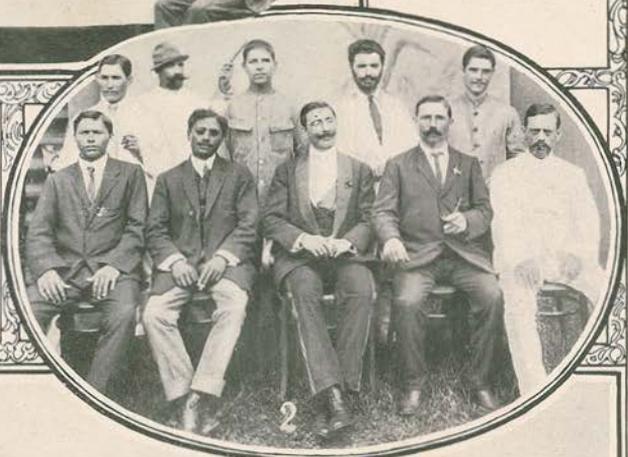


A REPUBLICA FESTEJADA PELOS QUE ESTÃO LONGE DA PATRIA.



O mesmo sucede aos portugueses que, tão distantes da mãe patria, não esquecem a data de 5 d'Outubro, an versario da Republica e jubilosamente a celebram, como sucedeu este ano com a nossa colonia em Buenos Ayres e Fernando Pó, e n'outras regiões ainda mais distantes.

Todas as colonias festejam os dias da sua gala nacional e é assim que mesmo em Madagascar ou em Saigão, a 14 de julho, os francezes ali residentes se unem para banquetes de confraternisação.

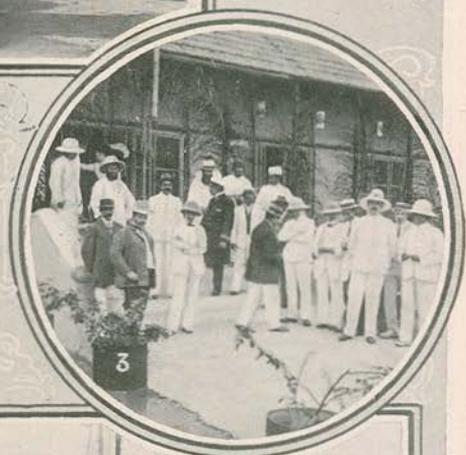


1—Os portugueses de S. Braz de Alportel, residentes em Buenos Ayres, que promoveram as festas do aniversario da Republica. 2—Os portugueses residentes em Fernando Pó e que tomaram a iniciativa de realizar as festas do aniversario da Republica. 3—Um aspecto dos festejos do aniversario da Republica em Lucaila, pequena povoação do interior de Africa occidental portuguesa. (Cliché do sr. José da Silva Oliveira.)

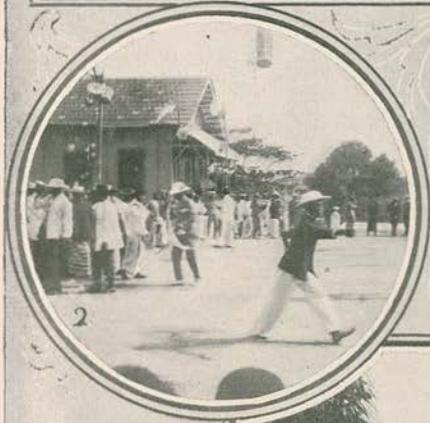
iniciativa do residente ali se está construindo. Diante dos funcionarios e das mais cotadas pessoas da região os indigenas dançaram os seus batuques, durando muitas horas a festa com que a tanta distancia da metropole se celebrou a data do novo regimen.



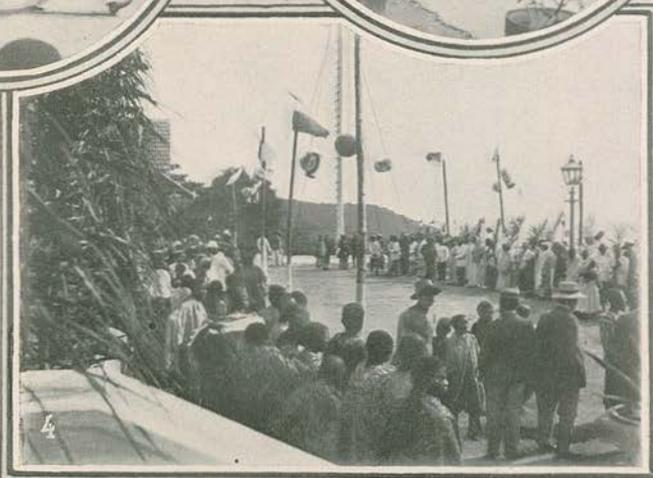
1



3



2



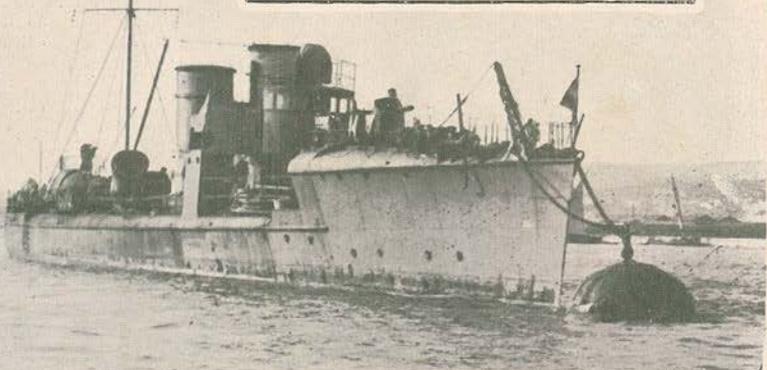
4

Tambem na Landana se festejou o aniversario da Republica com um grande entusiasmo, tendo concorrido á residencia representantes do comercio local, inaugurando-se uma kermesse cujo produto reverteu a favor da escola que, por

1—O aniversario da proclamação da Republica em Landana: Antes da kermesse: Os representantes de todas as classes.
2—No plateau da residencia: o começo do batuque. 3—A recepção na residencia: representantes das casas comerciais.
4—O batuque.

Um contra-torpe= deiro grego no Tejo

1



1—O contra-torpedeiro «Heagundvem» fundeado. 2—Marinheiros do contra-torpedeiro analisando o armamento d'um soldado portuguez. 3—O capitão e o imediato do «Heagundvem» nas ruas de Lisboa.—(Clíchés de Benoist)

O HIDROAEROPLANO DO SÉCULO



O hidroaeroplano Voisin, tripulado pelo distinto aviador sr. Morel, que o *Século* adquiriu por subscrição pública aberta nas suas paginas com um sensacional exito. voou sobre Lisboa com um surpreendente resultado. Elevando-se do aerodromo de Pedrouços, realizou por uma tarde limpida de novembro vôos magníficos, um d'eles á altura de 300 metros, passando sobre o rio, avançando para a cidade e fazendo viragens magnificas que milhares de espétadores seguiram atentamente.

Não podiam ser mais rapi-



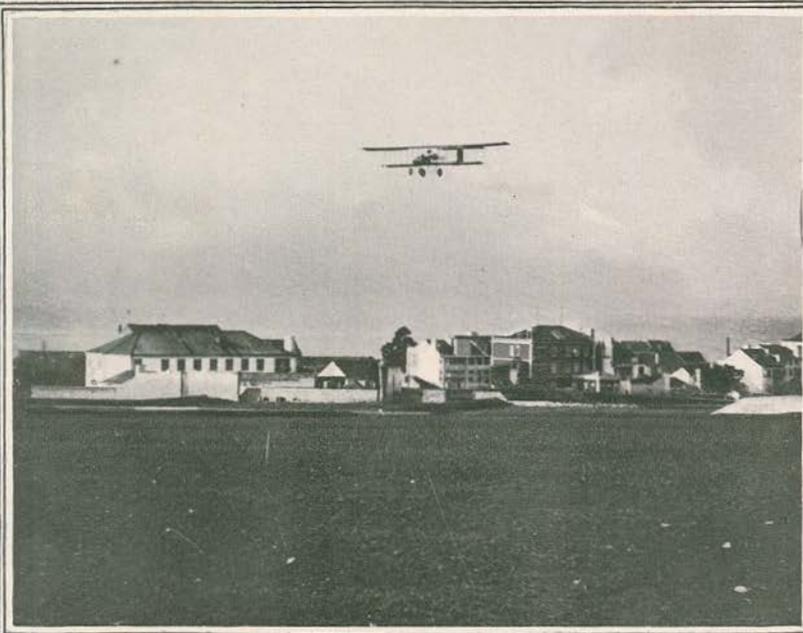
1—O aviador sr. Morel no hidroaeroplano. 2—No aerodromo: O aparelho.

dos, mais elegantes,
mais belos, os vôos realizados pelo
aviador, que cuidará atentamente do
seu aparelho, ajudado pelo habil montador, en-
viado também pela casa construtora, mr. Dubost.

O aviador quiz realizar outras experiências antes da
entrega ao governo do aparelho Voisin e, com efeito, em 9 de
novembro, pela manhã, voou sobre o aerodromo n'um curto es-
paço de tempo, visto o vento soprar fortemente.

Pela tarde elevou-se a 400 metros sobre o Tejo e passou sobre a ci-
dade a 1.500 metros de altura, causando uma excelente impressão nos
milhares de pessoas que o viram n'esse vôo de 22 minutos, fazendo
depois uma aterragem em espiral tão habilmente levada a efeito que a assis-
tência aplaudiu entusiasmada mr. Morel.

Realisou depois outro vôo, apesar do vento forte que soprava e que o obri-



1—Sobre a carreira de tiro.

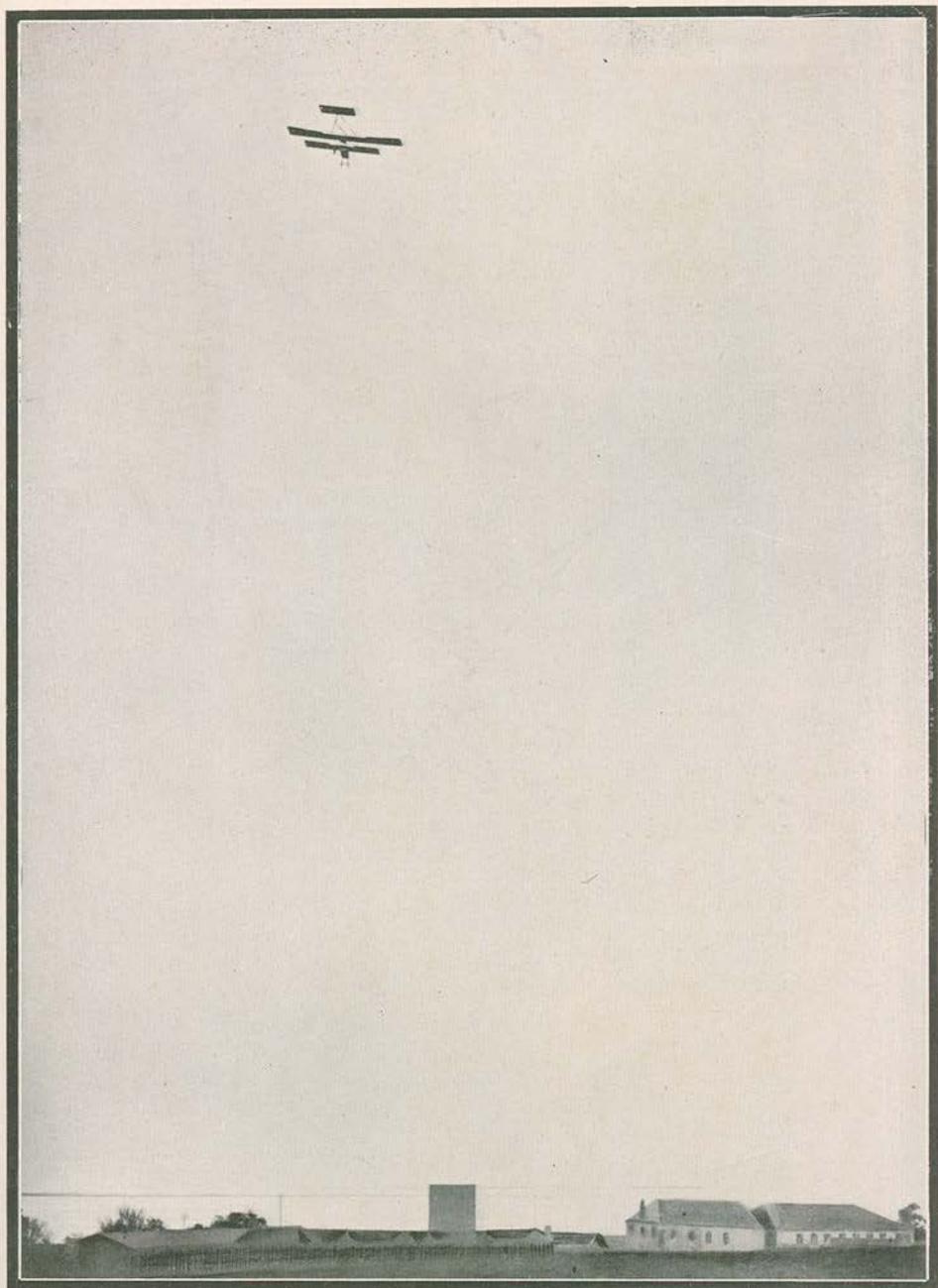
2—Por sobre o rio.

3—O hidroaeroplano, n'um vôo de 300 metros, sobre o rio.

4 e 5—Além do forte do Duque. (Clichés Benoitel).

gou a uma descida com um violento redemoinho. N'essa ocasião o
hidroaeroplano passava sobre os altos predios de Pedrouços e o avia-
dor, a fim de evitar a queda sobre eles, fez uma rápida vira-
gem, batendo então o aparelho no muro da carreira de tiro, do
que resultaram alguns estragos e o aviador ficou ligeira-
mente ferido n'uma perna.

O motor não sofreu o minimo prejuizo e, den-
tro em pouco, o Voisin evolucionará novamente
como n'essa primeira tarde em que
Lisboa o viu passar nos seus ex-
plendidos vôos.



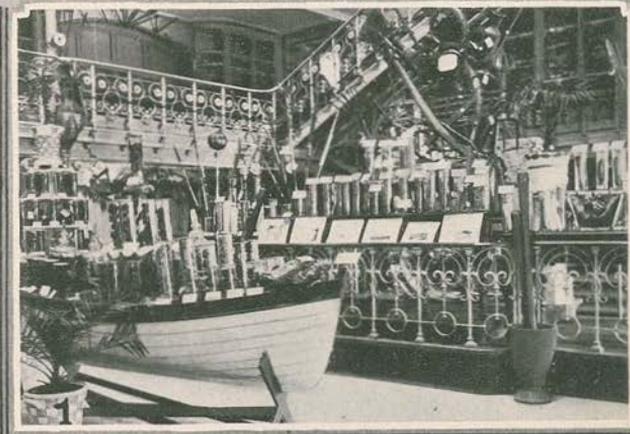
O hidroaeroplano «Voisan» n'um dos seus mais belos vôos sobre o Tejo.—(Cliché de Benoitte)

O presidente do conselho de ministros de Hespanha vitima d'um atentado



D. José Canalejas ◊, presidente do conselho de Hespanha assassinado em Madrid por Manuel Gardiñas em 12 de novembro. A seu lado o sr. García Prieto ministro dos estrangeiros e a quem Afonso XIII encarregou da presidencia do conselho depois da morte do grande estadista.—(Jiché Chusseau Plaviens)

A exposição de produtos colonias na Sociedade de Geografia



1—Um aspecto da exposição.



2—S. Ex.^o o Presidente da Republica com o sr. Ernesto de Vasconcelos, diretor da Sociedade, visitando a exposição.
(Clichés de Benollet)

FIGURAS E FACTOS



1—O adido naval japonês, que veio a Portugal visitar os estabelecimentos marítimos, na gare do Rocio com o capitão de mar e guerra Carvalhosa e Ataíde, que ficou às suas ordens.



2—Manuel Souza Pinto, o autor do livro «Gomil de Nôvado» recentemente publicado.



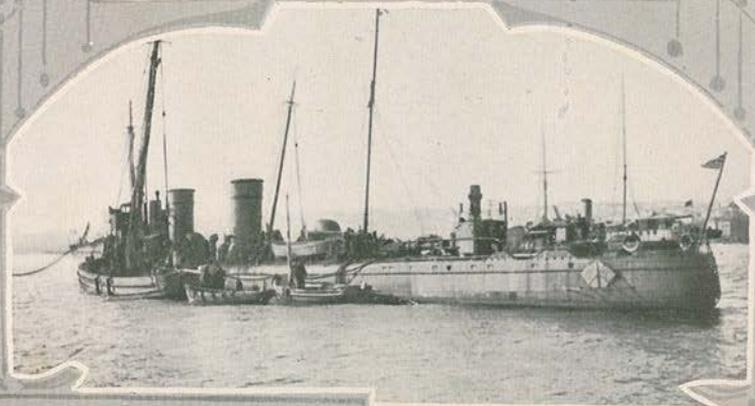
3—Sr. Silvestre Eleuterio Sabino d' Souza, desenhador da Camara Municipal, falecido em Lisboa.



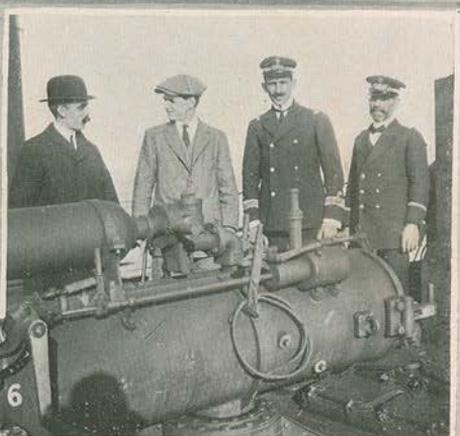
4—O julgamento do conspirador Raul Noronha Cruz, condenado em 6 anos de prisão celular, ou na alternativa, em 20 de degredo.



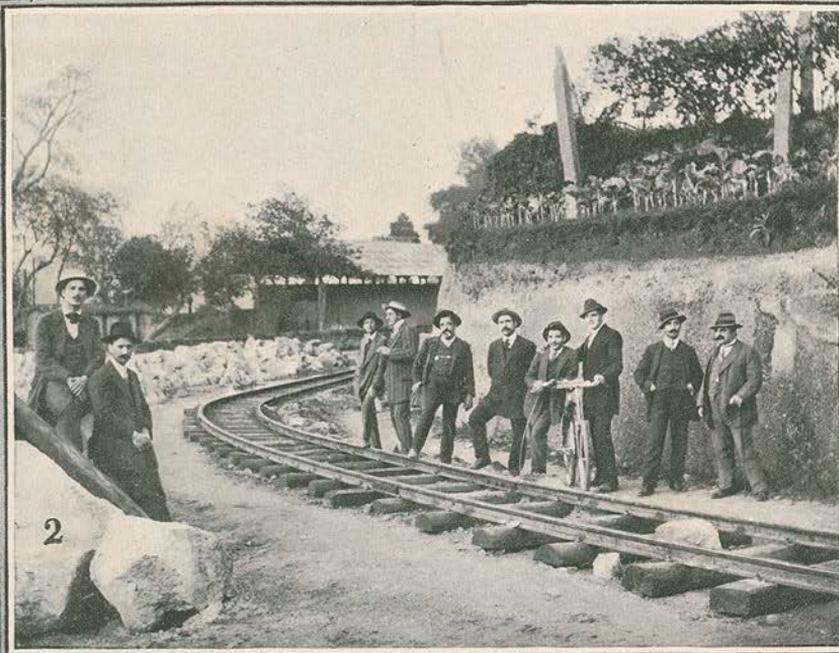
1—General Rodolfo Cardozo de Tavares e Castro, falecido em Ponta Delgada. 2—O sr. Joaquim Nunes dos Santos, um dos fundadores dos Armazens do Chiado, falecido em 9 de novembro.



3—Sr. José Paulo de Carvalho, falecido em 7 de novembro. 4—O torpedeiro grego «Keravnos» no Tejo. 5—O imediato do torpedeiro falando com o oficial português posto às ordens do comandante.



6—O comandante do torpedeiro, o imediato e um maquinista com um engenheiro português a bordo.
(fliches de Beno.1el)



1—A dança do vira em Shanghai: Os nossos compatriotas em Sanghai (China) festejaram o dia 3 de Outubro com um soberbo programa, sendo um dos numeros a -dança do vira-, executada a rigor.—(Fotografia pertencente ao sr. Adriano da Silva Fernandes, oficial da armada) 2—Trecho da linha ferrea em Pena (1) proximo da estação ferroviaria do estado. (Clichê do sr. V. Meio)

LISBOA AO DOMINGO

Na Avenida

e no

Camvo Grande



O lisboeta veste o seu melhor traje e sae á rua nas tardes de domingo. Enquanto o povo vae d'assalto ás hortas arrabaldinas ou nas excursões economicas, a meia burguezia invade a Avenida e o Campo

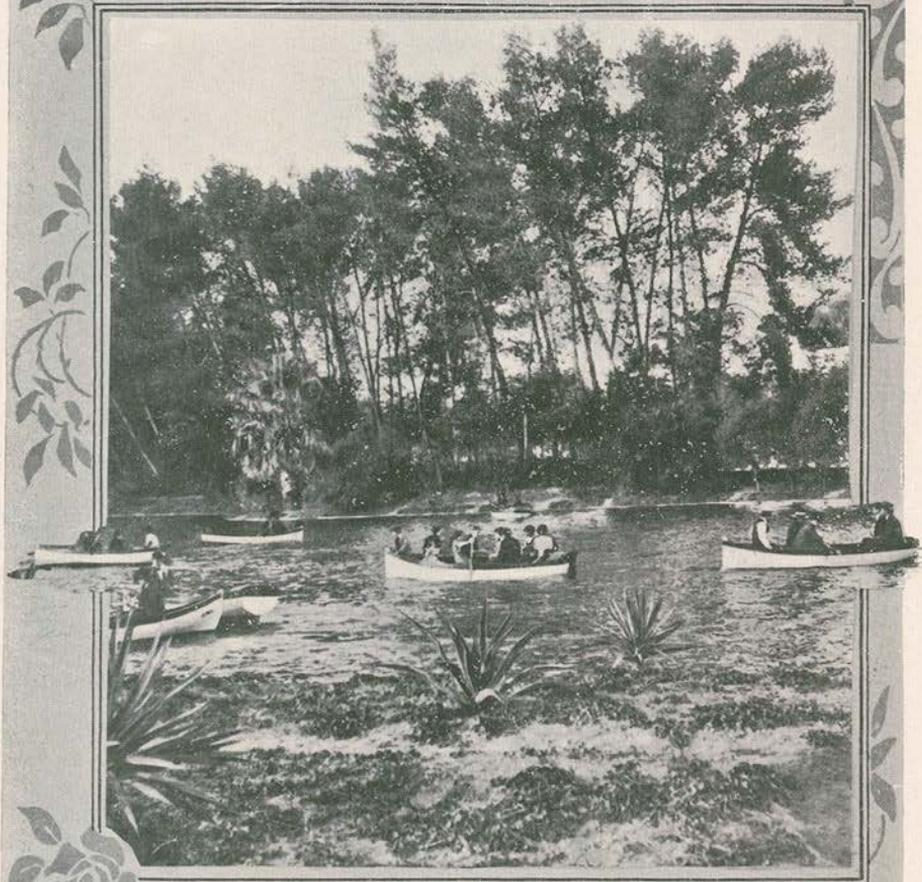


Grande. As lindas lisboetas passam com os seus vestidos da moda, feitos por modelos ue Paris, ante os olhares cariciosos dos rapazes que vão á avenida e ao grande parque para as vêr; senhoras de idade, ho-



1—Na Avenida: Ouvindo a musica. 2 e 3—A' hora do passeio.

mens respeitáveis sentam-se nos bancos ouvindo a banda regimental, que relembra com as suas musicas as tardes do Passeio Publico. Velhos dos asilos oferecem, a troco do vintem da esportula, as cadeiras de ferro onde as formosas senhoras se recostam, enquanto os pares e os ranchos desfilam n'esse passo cadenciado e proprio do que já se convencionou chamar: *fazer a Avenida*.



Vogando no lago do Campo Grande

No Campo Grande o publico é o mesmo com a variante de creanças que correm á sombra das grandes arvores, seguidas pelas amas de aventaes brancos e de meninas que navegam nos pequeninos botes do lago, de cujas margens as mããs as olham.

Nas alas frondosas pares de namorados conversam como estranhos ao mundo e nas rurs lateraes os automoveis de luxo conduzem senhoras com as suas peliças por este começo de inverno; carruagens luzentes, cavalos nas suas galopadas volteiam n'um alarde de luxo, fazendo do lindo parque um arremedo do Bois, nas manhãs destinado aos *rendez-vous* da sociedade elegante.

nas avenidas largas até à da Liberdade, onde ainda as vêem deslizar com a sua nota elegante, no lusco-fusco final d'um dia que o lisboeta passou na rua, vendo o seu concidado, analisando-o, gosando



Depois, quando a tarde de domingo começa a decair e o parque a encher-se de sombras, inicia-se a debandada; os carros descem lentamente es-



1 e 2—Na Avenida: Vendo os passeantes. 3—Os que passam.



1—No Campo Grande: de tarde.

d'esse inefavel prazer de não fazer nada, deixando voar o pensamento.

O povo regressa tambem dos seus divertimentos, as luzes acendem-se, os electricos comecam a encher-se de gente e a Baixa, n'um abandono, é lugubre por esses domingos de descanço.

Uma grande paz desce e a cidade, depois de se ter espreguiçado vae socegar para a faina da semana.



2 e 3—Na sombra das arvores. (Clichés de Benollel)

A GUERRA DOS BALKANS.

A Turquia pediu ás potencias a sua intervenção para a paz, depois de vèr a sua terra calca'ra pelos exercitos unidos: Andrinopla em poder dos bulgaros, Salónica tomada pelos gregos, os montenegrinos atacando Scutari e os servios rompendo a todo o custo, tallhando um caminho para o mar, apesar da Austria a ameaçar e de querer a Albania conservada. Por cousa alguma do mundo—disse o governo turco—pediria directamente a paz aos coligados, mas os bons officios dos seus diplomatas em Paris, Londres, Berlim e Viena alguma coisa fizeram n'esse sentido, bu-cando talvez ainda salvar um resto do imperio na Europa, talvez mesmo Constantinopla, o sonho dos aliados, a cidade onde desejavam lançar as bases do novo imperio balkanico como em Versailles, á beira de Paris, se ergueu em 18.0 o imperio germanico



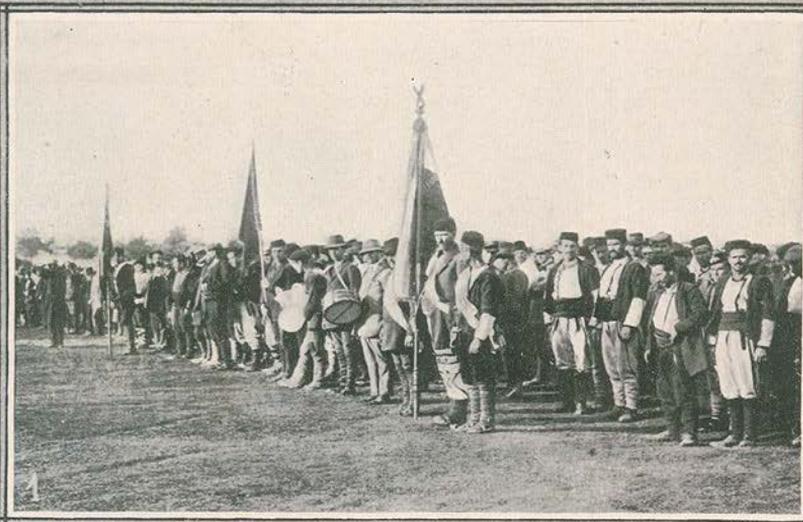
1—O general bulgaro Dimitrieff, vencedor dos turcos em Kir-Kilisse e em Lule Burgas. (Cliché Chusseau Flaviens) 2—O príncipe servo Arsenio Karoorgewitch, irmão do rei da Servia, que vive habitualmente em Paris, falando com o presidente do conselho servo sr. Patchitch (Cliché Archives du Mirolir)



O cerco de Scutarj: O general montenegrino Martinovitch analisando as operações das suas tropas e tendo atrás de si o general russo Popoff, que segue com interesse tudo quanto se passa nos Balkans. (Cliché Archives du Miroir)



Reservas servias passando por Sofia para irem reforçar as tropas bulgaras que investiram contra Andrinopla (Glichê Dellus) ?



1—Os macedonios que se apresentam para servir nas fileiras bulgaras. (Cliché Deltus)



2—Prisioneiros turcos chegando ao quartel general bulgaro de Stara Zagora—(Cliché Chusseau Flavien)



O grande debate da imprensa europeia atualmente é a razão das derrotas turcas, baseando-as uns no mau material e táctica alemã e na superioridade da artilharia franceza adotada pelos bulgaros, outros na mistura de mussulmanos e cristãos nas fileiras, dando-se a todos os momentos as deserções d'estes diante dos inimigos que pertencem á sua religião. Camilo Pelletin, o antigo ministro da marinha franceza, declara que essa queda do exercito otomano é devida apenas á má politica da Joven Turquia, que envolveu a officialidade e quebrou a disciplina. Seja como fór, os factos apresentam-se em toda a sua clareza; os turcos são victimas d' constantes derrotas e fazem o seu apelo ás potencias, tendo a França ao principio recusado a sua intervenção no assunto, pelo menos como medianeira, o que deu uma grande força mo' á aos exercitos aliados.

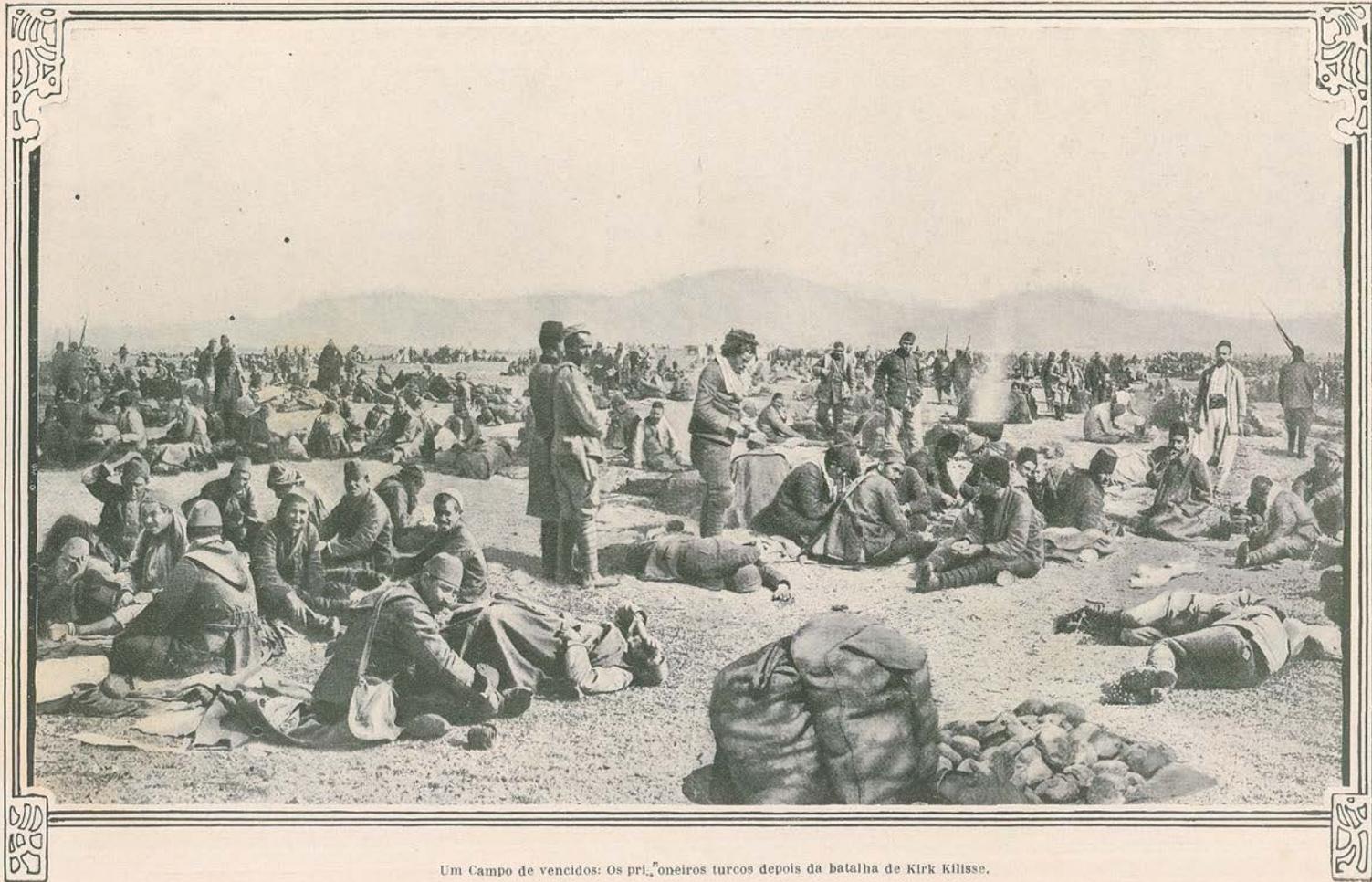


1—Depois da reportagem: os correspondentes de jornaes na guerra. 2—O rei Nicolau do Montenegro. (Cliché Archives du Miroir) 3—Uma das cidadelas que defende Constantinopla. (Cliché Bellus)



900

A GUERRA DOS BALKANS: O príncipe herdeiro da Bulgária no meio dos oficiais e soldados do seu regimento, que foi quasi todo destruído na batalha de Koumanovo.



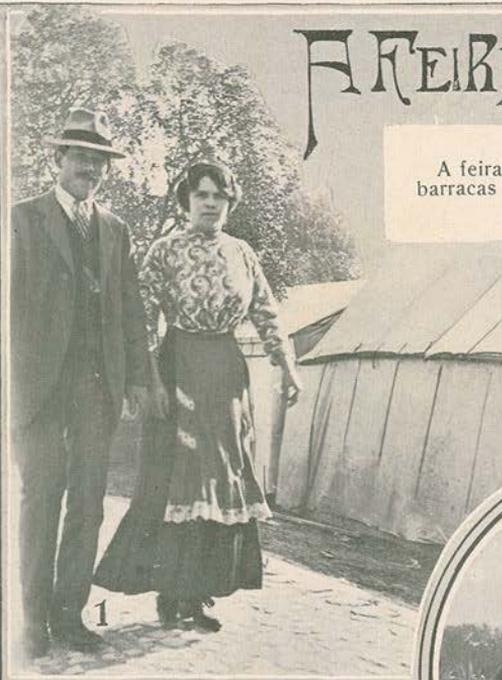
Um Campo de vencidos: Os prisioneiros turcos depois da batalha de Kirk Kilisse.

A FEIRA NO CARTAXO

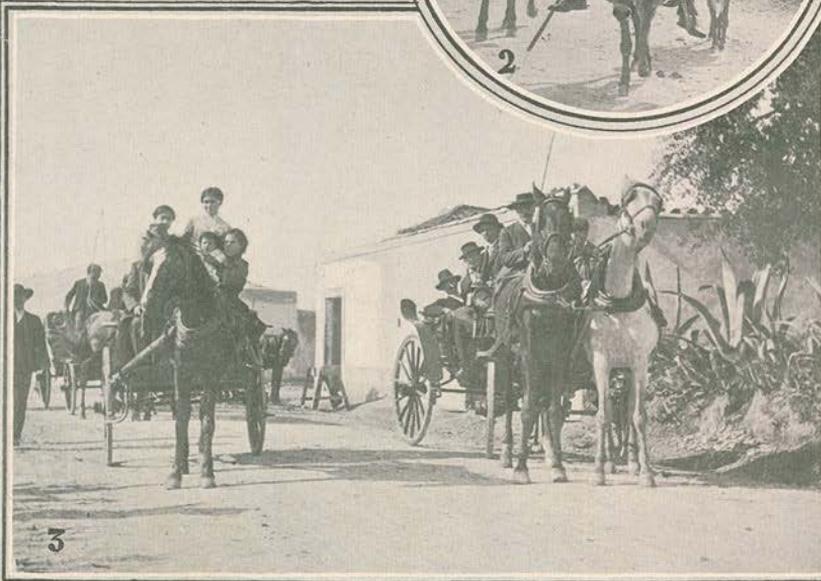
A feira do Cartaxo compunha-se de 93 barracas de diversas especialidades, tendo aparecido grande numero de generos á venda e havendo uma excélcional concorrência.

O que mais affluio ao mercado foi a fruta e sobretudo as castanhas e as nozes da região, que são esplendidas.

Dos arrabaldes vieram



1—Na feira.



2—Vindo do arrabalde do Cartaxo. 3—A caminho da feira.

muitos forasteiros, pelas
gas estradas cheias de
pitoresco passaram os car-

ros e as montadas que con-
duziram toda
aquela gente.
No meio
das notas ca-



racterísticas da feira apa-
receram também, n'um alar-
de civilizado, os animato-
grafos, onde o povo se di-
vertiu tanto como na tou-
rada, que foi magnífica.

2

3



4

1—Forasteiros. 2—Raparigas da localidade. 3—Conversados. 4—Passeando na feira.

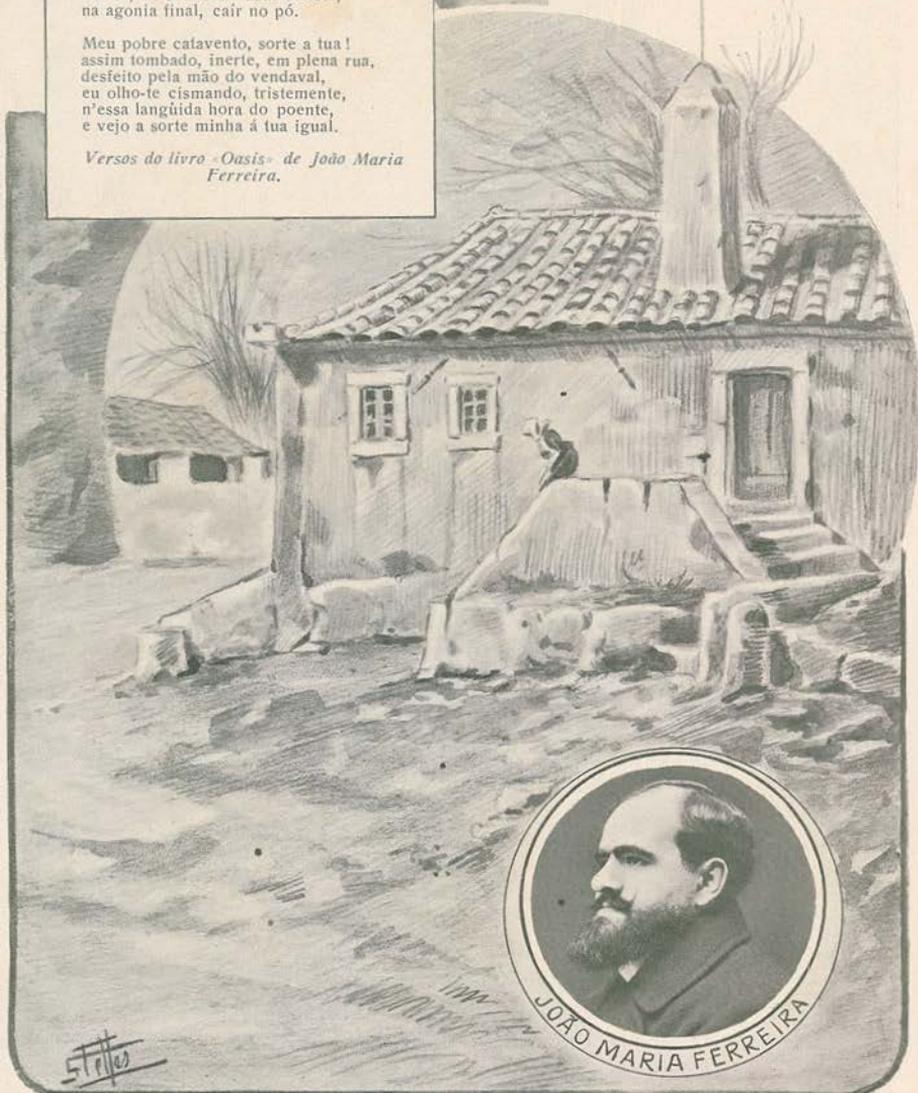
CATAVENTO

No telhado d'aquela rude casa,
onde o sol põe vermelhos tons de braza
quando a tarde começa a declinar,
existe um velho e sujo catavento
que o sopro do nordeste faz, cruento,
velocissimamente rodopiar.

De tarde, de manhã, de noite e dia,
êle gira sem fim e rodopia
merencório, isolado, triste e só,
mas um dia quebrou-o o vento agreste
e veio, do seu tronco azul celeste,
na agonia final, cair no pó.

Meu pobre catavento, sorte a tua!
assim tombado, inerte, em plena rua,
desfeito pela mão do vendaval,
eu olho-te cismando, tristemente,
n'essa languída hora do poente,
e vejo a sorte minha á tua igual.

*Versos do livro "Oasis" de João Maria
Ferreira.*



Figuras e Factos



O novo presidente da Republica dos Estados Unidos da America, o vencedor de Taft e Roosevelt é o sr. Wilson que foi governador de Nova Jersey; é um eloquente orador e um verdadeiro homem de Estado tendo sido apoiada a sua candidatura pelos rad caes e pelos alunos professores das Universidades que consideram Taft reaccionario.

O ministro da guerra entregou os premios aos concorrentes civis que mais se distinguiram no concurso de tiro nacional por occasião do aniversario da Republica, tendo assistido á cerimonia realisada no seu gabinete o director geral do ministerio da guerra e presidente do juri do concurso, general sr. Ferreira de Castro.



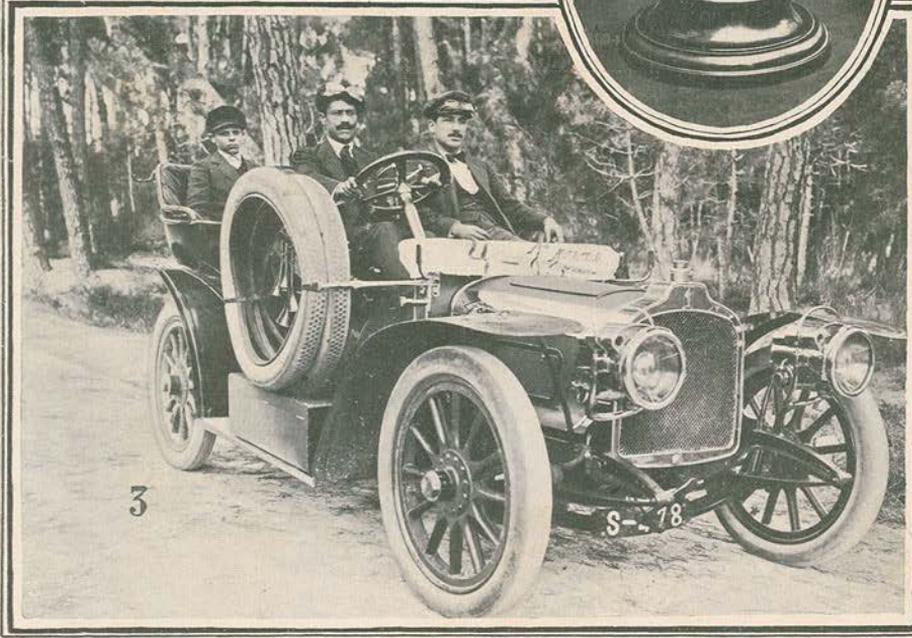
1—Wilson, o novo presidente dos Estados Unidos da America. 2—O concurso de tiro pelo aniversario da Republica: Os representantes. 3—Os premiados do concurso. Ao centro \diamond campeão.



1—Águia real capturada viva em Bouça de Mò na Serra do Gerez. Tinha uma perna quebrada e um zagalote alojado na outra, assim impossibilitada de se firmar no solo para levantar voo, rastejava, deixando lançar-se-lhe a mão. Mede 2,10 de ponta a ponta de asa. Exemplar pertencente ao regente florestal do Gerez sr. Tude de Souza. (Fot. do sr. Fausto Cerqueira, do Porto.)



2



3

2—O percurso automobilista de 180 kilometros na Covilhã. A Taca, 1.º premio, ganha pelo sr. Antonio Antunes. 3—O carro do sr. Antunes de Gouveia que recebeu o 1.º premio. (Cliché do sr. José Barbosa)